DEPARTAMENTO DE CULTURA DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
GUARATINGUETÁ - SÃO PAULO - BRASIL
ANO DE 1983

PRESÉPIOS



Há 760 anos, S.Francisco de Assis iniciava a tradição dos presépios por ocasião do Natal. Da Itália, essa tradição atingiu a Península Ibérica e, trazida pelos portugueses, chegou ao Brasil, onde adquiriu feições peculiares, com sua lapinha ou sua casinha coberta de sapé, com flores de papel, ramos de bambu formando uma espécie de abóbada, com seus caminhos de areia, os riozinhos e lagos, o céu de estrelas, musgos para imitar o capim, ou com seus mecanismos vários que animam toda a cena. Incorporando elementos e figuras da nossa cultura popular ou erudita, o presépio brasileiro, seja pobre ou rico, insere-se, ainda hoje, na tradição católica de grande parte da Europa e da América Latina. No Vale do Paraíba ainda encontramos "figureiros" como os de Taubaté e Pindamonhangaba e presépios em praça pública como em Tremembé e Pindamonhangaba, no qual, às figuras principais, acrescentam-se monjolos, rodas d'água, moinhos com cata-ventos e outros mecanismos que movimentam pastores, animais e os Reis Magos.

A tradição do presépio, em Guaratinguetá, parece ter quase desaparecido ou ter-se recolhido a algumas casas e as igrejas apenas. É fato entretanto, que desapareceu totalmente a tradicional "visita aos presépios", do Natal ao Dia de Reis. Não se tem notícia de ter havido o costume de se erguer presépios em praça pública.

Betina Marino , na sua crônica "Presépios", faz referência a alguns presépios que, de modo especial, atraíam os visitantes nas primeiras décadas deste século. Havia o presépio do "Seu" Juca Passos, na Rua Nova, "logo acima da linha do trem" e que ocupava toda uma alcova da casa e "era uma beleza de estontear". Na mesma rua, Betina cita o presépio de "Nhá" Antônia Cortez no qual havia "uma figura engraçada e grotesca que baixava e erguia a cabeça, sem parar". Na Rua do Porto, ela cita o do Alferes Neném Pereira, em uma casa cuja frente dava para a Rua Comendador João Galvão e no qual havia uns frágeis patinhos de vidro colorido que tentavam as crianças.

Porém, "Nhá" Mariazinha do Morro Vermelho vigiava "para que a tentação não se tornasse pecado..." Na esquina da Praça 13 de Maio(atual Conselheiro) com a Rua Nova, o da Dona Madaleninha de Abreu e, no Largo do Teatro, o de Dona Sinhaninha Patrício, iluminado com uma luz azul e perfumado por murtas cheirosas. Betina diz,sumariamente, que havia muitos presépios no Pedregulho e no Campo do Galvão. "Quase todas as famílias guaratinguetaense gostavam de relembrar assim o nascimento de Nosso Senhor" (1).

Porém, já em 1930, Nero Senna notava que ia desaparecendo, junto com outras, a tradição dos presépios (2).

Na Pedreira, ou melhor, no "Buraco d'Água", marcou época , pelos anos 30, o "Presépio do Pavão", ali no início da rua S.José, do lado esquerdo de quem sai da Pedreira. O policial aposentado, Antônio Eugênio da Silva, o popular "Pavão", encantava a adultos e crianças com o seu presépio cheio de engenhosidade e curiosidades. "Com um pouco de água corrente da torneira de sua casa e a força de uma lâmpada elétrica, ele aciona maquinismos, move bonecos e engenhos e dá muita vida ao seu presépio", dizia Nero Senna.

Já mais recentemente, pelos anos 40, na Rua Inês Teodora,nº 32,havia o presépio do "Nico Meu Fio", ou seja, do Sr. Benedito Norberto. Este era um engenhosíssimo presépio em que tudo se movia,como nos contou o Sr.Orlando Silva, gerente do Kafé Hotel: Nossa Senhora e S.José moviam a cabeça em perene adoração ao Menino Jesus que movia os braços e as perninhas; a vaquinha e o burrinho também tinham seus movimentos; uma Procissão de Ramos passava triunfante em outro lado do presépio; ali adiante, um conjunto de "Jazz-band" tocava animadamente; mais adiante, uma banda de música, inspirada na "Banda Santa Luzia", tocava um "dobrado", com um pistonista negro tocando o seu pistão com movimentos do corpo para a frente e para trás (os moradores da Santa Rita afirmavam que era o Ivo da Banda Santa Luzia); aqui o monjolo a bater no seu pilão; ali, a roda gicante virando; num outro ponto, uma senhora passando roupa enquanto, do seu lado, carpinteiros serravam e martelavam; junto ao regato, um pescador numa contínua pescaria; e os Reis Magos vinham solenemente atrás da Estrela Guia.

Este, talvez, tenha sido o último presépio do gênero, em Guaratinguetá. Pelos anos 52,53, era exposto num prédio junto à entrada do "amarradouro" do Mercado. Depois foi vendido para Aparecida.

Nos nossos presépios, além da Sagrada Família, dos Reis Magos, do Anjo da Glória, dos pastores, havia os carneirinhos de algodão com sua fita vermelha cruzada no peito e nas costas, o pavão ou "galo do céu", símbolo da realeza e que é visto em muitos quadros renascentistas que reproduzem cenas do ciclo do Natal; aparecia a raposa ou o gambá que protegeram Nossa Senhora e o Menino Jesus; além da vaquinha, do burrinho da manjedoura, dos patinhos na lagoa (muitas

vezes feita de espelho), tatus, cachorros, conchas do mar e caramujos, galinhas com seu pintinhos, o céu de papel de seda todo estrelado e com a lua crescente, morros e capim de papel crepom, musgos e outros muitos elementos e enfeites conforme a imaginação, os recursos e o gosto de cada um. Digno de nota é o fato de que o burro está presente na gruta ou os Reis Magos virem montados em burrinhos, já que, em outras regiões, o burro é uma das figuras proibidas no presépio, pois, "comera o capim do estábulo onde Jesus nasceu". Nessas regiões, junto à manjedoura é colocada uma "jumenta".

Como nos célebres "Presépios Napolitanos", tão cobiçados pelos colecionadores de todo mundo, a figuração de cenas do nosso cotidiano rural ou urbano era muito comum, mesmo quando as figuras principais eram compradas de fábricas de imagem. Parece-nos ser isso a manifestação, em forma popular, daquilo que diz o introito da 2ª Missa de Natal da antiga liturgia: "Hoje a luz brilhará sobre nós, porque o Senhor nasceu", ou a 5ª antífona das Laudes desse dia: "Uma criancinha hoje nasceu para nós". Assim, a devoção popular afinava-se com a Liturgia, na declaração da perene presença do mistério do nascimento do Salvador. Ainda em consonância com a Liturgia, o povo, antigamente, acompanhava os dias das "Antífonas Maiores" em honra a Nossa Senhora, entoadas do dia 17 a 23 de dezembro e que começavam sempre com a palavra "Ó": "O Sapientia", "O Adonai" etc. e que deram origem à invocação de Nossa Senhora do Ó. Nesses dias, nas famílias, iam-se colocando as figuras principais no presépio já armado, uma por noite, enquanto se faziam as orações apropriadas. Na noite da "Véspera de Natal", muitas vezes na volta da "Missa do Galo", colocava-se a última imagem, a do Menino Deus; geralmente era a criança mais nova da casa a encarregada disto. Essa imagem ficava deitada até o "Dia de Reis", quando, então, era colocada em pé, para receber a adoração dos magos. Aliás, mesmo quando não havia dois jogos de imagens dos Reis Magos, um com eles montados e outro em que eram representados ajoelhados, era costume fazê-los "caminhar" paulatinamente até a gruta ou casinha de sapé com a manjedoura.

Do "Dia de Natal" ao "Dia de Reis", havia a tradicional "visitação dos presépios", como nos recordaram Nero Senna e Betina Marino, o que proporcionava alegria às crianças e encanto aos adultos (3) e (4). Ainda no final dos anos 30, vimos um grupo de "pastorinhas" passando pela rua Marechal Deodoro, "tirando Reis". Também esta tradição acabou. Outra tradição de "tirar Reis",na cidade, era o das Bandas Mafra, Beneficente e Santa Cecília, pelas primeiras décadas do século. Para isso, elas se subdividiam em 3 ou 4 grupos com pistão, trombone, clarineta, 2 sax e contrabaixo e cada grupo percorria um setor da cidade previamente combinado, para evitar brigas, visitando as casas que tinham ou não tinham presépio, a fim de angariar algum donativo para a banda. Atrás do conjunto vinha "o caixa" para recolher o dinheiro. Se

o donativo era, por exemplo, de um mil réis, tocava-se uma valsa,uma polca, ou um samba, por inteiro; se fosse de quinhentos réis, só se executavam uns 10 compassos; se nada era dado, nada se tocava (porém o dono da casa podia ser "homenageado" com alguns desaforos); se a esmola fosse de dois mil réis, aí então, era executada uma peça mais caprichada, conforme nos informou o saudoso João Regino.

Outros costumes havia, como o de ser obrigatório fazer-se o presépio durante 7 anos seguidos. Estes, geralmente eram desarmados no dia 2 de fevereiro, dia da Purificação de Nossa Senhora ou de Nossa Senhora das Candeias. Muitos, porém, eram desarmados logo após o "Dia de Reis".

Mudou o Natal ou mudou Guaratinguetá?

Guaratinguetá, no Advento de 1983.

Benedito Dubsky Coupé.

N O T A S:

(1) - Betina Marino - "Presépios" - Crônica transcrita no livro "Salto de Vita" à pag. 86. - Ed. Santuário - 1983.

(2) - Nero Senna - Crônica "Presépios" - publicada em o "Correio Popular" de 05-01-1930 e transcrita em "Um Mineiro de Guaratinguetá" - Homero Senna, pag. 71 - RJ 1974.

(3) - Betina Marino , ibidem

(4) - Nero Senna, ibidem.